

***Pathos*: uma compreensão dos paralelismos e das interseções**

Ana Lúcia Magalhães

Introdução

Há pontos em comum entre os pensamentos sobre as paixões desde a Antiguidade até os dias atuais? Como se mostram os conceitos de cada um dos pensadores elencados? Existe um fio que conduz de um a outro pensador ou há quebras? Esses questionamentos nos ajudam a pensar em duas linhas que se tangenciam, se cruzam e mesmo se sobrepõem: filosófica e retórica. Poderíamos, também, tratar a paixão sob um ponto de vista histórico, psicológico, linguístico, estilístico, semiótico. Neste trabalho, iremos nos centrar nas duas primeiras.

Etimologicamente, conforme Cunha (1999), o termo paixão é um substantivo feminino, que vem do latim *passio* – verbo latino *pati* = sofrer, suportar algo, experimentar, encontrar-se em um estado ou condição –, associado a “sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade que se sobrepõe à lucidez e à razão”. O vocábulo latino, por sua vez, vem do grego, que significa padecer, sofrer um influxo qualquer, ser afetado de alguma maneira pelas coisas ou pelos eventos, o que significa, na literatura grega: 1) o que acontece a uma pessoa ou a uma coisa; 2) as experiências que uma pessoa teve, especialmente as desagradáveis; 3) as emoções ou paixões da alma, como a alegria, a ira; 4) os estados ou condições nas quais se encontra uma coisa, ou as suas modificações; 5) as propriedades ou qualidades que se acrescentam à essência de um ser.

Em Psicologia, vem da expressão *pathos*, com significado de sofrer, suportar. Estaria associado ao estado “passivo” do sujeito em geral – e do humano, em particular –, contraposto aos fenômenos de “atividade”. Em Retórica,¹ Aristóteles expõe de maneira simplificada, que é uma categoria oposta à ação, e, na filosofia escolástica, significa passividade, o ato de sofrer. De qualquer forma, todas as acepções se relacionam à passividade como elemento imprescindível.

1 Em Retórica (Aristóteles) o conceito será explicado em maior profundidade

Primitivamente, “trata-se de uma das dez categorias de Aristóteles que designa o fato de sofrer a ação de um agente exterior”.² É possível que as questões relacionadas à paixão tenham ligação com a *episteme* (uma dimensão cognitiva a ela associada), mas também com a *doxa*, que traz uma complexidade própria ao se associar a sentimentos, emoções, uma vez que a natureza do homem é complexa em si mesma. Esses temas, por exemplo, já se encontram na filosofia grega e seus prolongamentos medievais com Tomás de Aquino, caso parecido, que escreveu sobre paixão. Outros filósofos da Idade Média também se dedicaram ao estudo da paixão, como Anselmo, Guilherme de Ockham e Abelardo.

A filosofia moderna também retoma os gregos com relação ao tema tratado: Descartes reforça que é das paixões “que depende todo o bem e todo o mal desta vida”,³ que elas são boas por natureza e devemos evitar seu mau uso. As paixões da alma, segundo o autor, são “percepções ou sentimentos ou emoções da alma” a ela ligadas e “são causadas, mantidas e fortificadas por algum movimento dos espíritos”.⁴ Aqui, se percebe novamente a complexidade na qual está envolvida a paixão, considerando que é necessário entender também o conceito de espírito em cada um dos autores que dele se utilizam. Thomas Hobbes, Kant, Max Webber, Nietzsche e outros modernos também se dedicaram aos estudos específicos da paixão.

A dificuldade relacionada ao tema segue acentuada na pós-modernidade, tendo em vista que muitos estudiosos continuam a dedicar boa parte de seu tempo ao assunto e o relacionam à política, às questões jurídicas, à linguagem, aos aspectos morais, à psicologia, à sociologia e entre as diversas indagações, algumas se destacam conforme mencionado. Portanto, vamos esboçar um percurso teórico com alguns pensadores a partir da Antiguidade até a Pós-modernidade.

Arqueologia da Paixão, um percurso

Há formas triviais de considerar o tema das paixões normalmente incontrolláveis, modos conduzidos pela ideia de que as paixões sejam um perigo e um inimigo difícil de combater. Por outro lado, pensa-se em uma aproximação positiva ao tema, centrada nas paixões como uma potencialidade e que talvez seja preciso unicamente ordená-las sem tentar reprimi-las.

Embora não tenhamos a intenção de aprofundar os estudos no pensamento dos filósofos e pensadores citados acerca do tema, pois cada um investigou o

2 <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/paix%C3%A3o>, acesso em 16 fev. 2020

3 Descartes, 2015, p. 212

4 Ibid., p. 211

assunto, acreditamos ser importante entender como se desenvolveu o conceito ou, ao menos, de que forma é visto por alguns deles. O foco deste trabalho é o *pathos* como categoria retórica capaz de despertar o auditório⁵ individual ou coletivo, universal, único ou formado por si mesmo.

Grécia Antiga: Sócrates, Platão e Aristóteles

Apesar de Meyer⁶ considerar que “tudo começou com Platão, talvez mesmo com Sócrates e os sofistas”, esses últimos que já se referiam à pluralidade das opiniões, à habilidade de constranger, impelir, intimidar, se necessário, para defender as teses que se apresentavam, a Mitologia mostra os deuses como seres consideravelmente passionais. São inúmeras as situações: por exemplo, Urano, descrito como déspota, por medo, devora os próprios filhos. Zeus, por sua vez, é um deus que se irrita, causa transtornos a pessoas, transforma-as em animais ou promove cataclismas.⁷

Os gregos clássicos contribuíram com o entendimento do *pathos*, daí, nesse primeiro momento, tratarmos o assunto a partir desses estudiosos e delimitarmos a pesquisa ao estudo da paixão não no sentido psicanalítico de sua raiz – *passio* – sofrimento, porém na aceção de o indivíduo ser afetado por algo. A cultura clássica conferia grande relevância ao *pathos*, uma vez que as paixões da alma contribuíam para com o bem-estar pessoal e coletivo, as escolhas do modo de vida e com as próprias condições de busca de verdade – cerne da Filosofia, ou seja, o *pathos* dizia respeito a uma forma de ser e de se posicionar. É preciso lembrar que o *pathos* não está ligado apenas ao bem-estar, mas a todos os estados de alma.

Nesse sentido, Sócrates,⁸ nos Diálogos, é sempre mostrado por Platão como pessoa que, embora afetada por paixões, tem efetiva capacidade de governá-las e nunca se deixa vencer pelas emoções. Aliás, Sócrates afirmou que as paixões

5 Perelman, 1999

6 Meyer, 2000, p. XVII

7 Hesíodo, 2009

8 Sócrates admite que é, potencialmente, homem cheio de vícios (1) e acrescenta que é seu costume exercer o controle sobre si (2). Sobre o primeiro ponto lembremos o relato de Alcibiades no Banquete (219-220d e 223d). Sobre o segundo, na obra Fédon, Zópiro vê em Sócrates os olhos de um pederasta. Diante do desconcerto dos admiradores do filósofo, que se sentiram no dever de injuriar Zópiro como caluniador, Sócrates, para sua surpresa teria afirmado: “amigos, ficai calmos, não vos agiteis, porque Zópiro tem razão. Eu sou como ele diz, só que me contenho, e isso ele não pode saber”. O filósofo não nega ser exposto à pressão das paixões (a propósito disso recordam-se conhecidas passagens de Xenofonte sobre a recomendação de não beijar os belos juvenzinhos), mas que é perfeitamente capaz de prevalecer sobre elas. Banquete (219d-220d e 223d); sobre o segundo, é Fédon de Élida. De fato, graças a João Cassiano e a outras fontes sabemos que, no seu Zópiro, Fédon contava que o fisionômico Zópiro provocou espanto em todos ao declarar que

só fogem ao controle se o sujeito não está verdadeiramente decidido a controlá-las. O controle das paixões aparece habitualmente nos Diálogos, em que Sócrates é representado como pessoa que sabe exercer controle sobre as respostas a respeito de si e de seus interlocutores. Assim, há boas razões para pensarmos que Sócrates tenha sido um mestre do controle das paixões em si e em despertar tal estratégia nos outros.

Na Apologia, o filósofo utiliza grandemente de sua técnica do questionamento, a maiêutica, para conduzir Alcibíades, refém das paixões, a perceber que sua conduta não era das melhores: “Sócrates me obriga a admitir que, mesmo tendo muitas faltas, não me preocupo comigo mesmo” e, ao contrário, “deixo-me vencer pelas honras que a multidão me tributa” (PLATÃO, s/d). Assim, o filósofo foi considerado mestre pelo rigor com que soube praticar o controle das paixões, mas também ajudou aos outros a desenvolver tal capacidade, mais precisamente, a prevenir uma explosão descontrolada das paixões.

Dessa forma, Sócrates acreditava que o conhecimento era a virtude, ou seja, condição para que a virtude fosse executada. Tal intelectualismo ético pressupõe que o *logos* determinava a *práxis*. Na sua dialética, Sócrates buscava a essência, ou seja, aquilo que estava no ser: ao abordar as pessoas ou por elas ser abordado, simulava aceitar as afirmações de seu interlocutor para em seguida, com bom humor, apontar suas contradições e se aproximar da verdade. A maiêutica era aquele momento mágico em que se dava a descoberta da verdade, o que só era possível porque, segundo ele, a verdade estava oculta na alma.

O caso de Platão é diferente, pois, ao contrário, mostra que a alma humana é prisioneira de um corpo indócil aos seus comandos e aspira libertar-se. Conforme Magalhães, para esse filósofo,

a alma humana seria afetada por paixões (*pathematas*), que são em número de quatro: as ilusões, os corpos sensíveis, as matemáticas e as ideias. Quando, no livro VI da República, fala sobre o Diagrama da Linha e Mito – ou Alegoria da Caverna – o autor nos apresenta a teoria do conhecimento (gnosilogia) e a teoria do ser (ontologia). O diagrama parte do traçado de uma linha horizontal imaginária. Abaixo dela ficariam os dois modos de realidade sensível: *eikasia* (coisas: imagens, sombras, reflexos) e *pistis* (objetos: corpos vivos, corpos naturais). Acima, os dois modos do mundo inteligível: *dianóia* (elementos matemáticos, quânticos) e *noética* (as ideias). Todos esses

modos, segundo Platão, estão fora do homem e o afetam, portanto, são afecções, ou melhor, paixões.⁹

Platão nos diz que, como todos estão fora do homem, certamente o afetam de alguma forma. Tal divisão depende de crença e até o saber científico residiria em crenças no momento que, para elaborar uma hipótese, por exemplo, o cientista precisa, de algum modo, acreditar nela. O homem platônico, como ser essencialmente passional no sentido de ser afetado pelo que está fora, sujeita-se às diversas paixões. A forma de resolver tais questões seria por meio da teoria do *logos* racional, baseada no raciocínio apodítico – demonstração. Assim, o que não é apodítico, o que não pertence ao *logos*, será do domínio da *doxa*, suscetível, portanto, às contestações.

Nesse contexto, surge Aristóteles, discípulo de Platão, que se dedica à produção de uma teoria da argumentação e da retórica, em resposta ao *logos* platônico que, por meio de proposições e demonstrações, acaba por transportar o homem a um jogo de paixões, novamente trazido pela alegoria da caverna. Após a morte do mestre, fundou sua própria academia filosófica.

O estagirita, ao sistematizar a retórica, inclui a paixão como uma das três provas tratadas na sua obra: *ethos*, *pathos* e *logos*. Em linhas gerais, o *ethos* refere-se ao caráter, à imagem que o orador transmite por meio do seu discurso, à imagem que o indivíduo permite que seja observada pelo outro; o *pathos* está ligado ao componente emocional, passional, que o discurso desperta no auditório; e o *logos* refere-se também ao orador, porém associado à sua capacidade de convencimento, ao seu conhecimento de mundo.

Aristóteles afirma que os desejos fazem parte da natureza humana tanto quanto a razão e não vincula à virtude, à falsa expectativa de uma vida livre de emoções ou paixões. Nesse sentido, difere dos estoicos,¹⁰ que definem a paixão – em si mesma um pecado – como ignorância e vício. No segundo livro da Arte Retórica, escreve sobre as paixões e as conceitua como: “todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários”.¹¹

Portanto, as paixões não são algo fixo, pois representam a instabilidade e inconstância dos sentimentos humanos. Para o filósofo, são afecções expressas

9 Magalhães, 2012, p. 30

10 Para os estoicos, virtuoso é o homem que se libertou inteiramente das paixões e atingiu a plena realização da perfeição humana por meio do *logos*

11 Aristóteles, 2000, p. 5

pelos termos *pathos* e *pathema* e existe uma discussão entre os estudiosos de sua obra se é possível distinguir *pathos* (paixão) de *pathema* (emoção), uma vez que Aristóteles não separa claramente, embora, em *Ética a Nicômaco*, alguns autores enxerguem tal distinção: “Sendo as paixões movimentos (*kinesis*) que atuam sobre a alma, os *pathemata* nada mais podem ser do que os estados passionais produzidos na alma em decorrência desses movimentos, ou seja, são as emoções”.¹² Essa passagem deixa entrever uma possível diferença entre paixão e emoção, ou seja, no plano da sensação ou da inteligência.

Conforme Menezes e Silva (2013), na obra *Categorias* (VIII, 8 b25-10a25), as *pathe* são qualidades produzidas pelos sentidos, como é o caso do calor, o frio, a escuridão. A mesma autora mostra que em *De Anima*, *pathos* tem três significados: emoções, atributos ou predicados e formas de passibilidade em oposição à atividade. O termo *pathema* indica emoção, mas pode também significar afecção, fato, acontecimento. Conforme Menezes e Silva (2013), o melhor sentido para a noção de *pathos* em Aristóteles está na sua obra *Metafísica*:

Afecção (*pathos*) significa (1) uma qualidade segundo a qual uma coisa pode ser alterada, como o branco, o preto, o doce e o amargo, o peso e a leveza, e todas as qualidades desta espécie. (2) Em outro sentido, afecção significa a atualização de tudo isso, as alterações que estão em ato. (3) Especialmente, chamam-se afecções (*pathe*) as alterações e mudanças danosas e, acima de tudo, os danos dolorosos. (4) Por fim, afecções se dizem também das grandes calamidades e dos grandes infortúnios.¹³

A citação faz pensar que o primeiro sentido determinado pelo filósofo para *pathos* seria o de mudança, dessa forma, trata-se de uma característica segundo a qual algo pode ser alterado; o segundo, quais alterações são feitas; o terceiro, as mudanças que causam dor no corpo ou na alma e o quarto, liga-se a atributo ou propriedade. Pensar nesses termos: mudança, alteração, dor na alma ou corpo, atributo ou propriedade nos leva a concluir pelo uso em contextos variados, de estados físicos a emocionais. Neste capítulo, tratamos da Retórica como capa-

¹² <http://classics.mit.edu/Aristotle/nicomachaen.html>

¹³ ARISTÓTELES apud MENEZES E SILVA, 2013, p. 14

cidade de convencer e persuadir a um auditório, assim, podemos considerar todos esses sentidos de *pathos* aristotélico e das paixões.¹⁴

Para despertar uma resposta emocional desejada, Aristóteles nos auxilia a compreender de que maneira os indivíduos são afetados por paixões: condição na qual o auditório se encontra; por quem ou contra quem sente determinada emoção; motivos que despertam aquela emoção; afetam os julgamentos. Por isso, os oradores devem estudar seus auditórios: como se encontram, qual estado emocional, os motivos que os levaram a estar da forma como estão.

O que será que será
E todos os meus nervos estão a rogar
E todos os meus órgãos estão a clamar
E uma aflição medonha me faz implorar
O que não tem vergonha, nem nunca terá
O que não tem governo, nem nunca terá
O que não tem juízo¹⁵

Os versos de Chico Buarque mostram um primeiro afastamento entre Filosofia e Retórica. Enquanto a Filosofia busca a verdade – o homem deve conter as paixões (Sócrates), a Retórica procura persuadir e aqui vemos a força incontrolável da paixão. Segundo o texto, parece haver impossibilidade de contê-la, mostrada em termos fortes como “todos os meus nervos”, “aflição medonha” e

14 As paixões, segundo Aristóteles, são em número de 14: 1) cólera, impulso de vingança, causado por injustificada negligência em relação ao outro ou aos que são queridos; 2) calma, o contrário da cólera, um estado de paz após a cólera que recria a simetria entre os sujeitos; 3) amor (amizade), desejo de bondade em relação ao outro – um laço de identidade com ele; 4) ódio (inimizade), sentimento de afastamento do outro, desejo do mal ao outro. Quem sente cólera quer que o causador de seu tormento sinta, em seu lugar, seu mal; 5) temor (medo), dor ou distúrbio decorrente da projeção de um mal iminente, penoso. É acompanhado de expectativa. Temem-se os maus que podem nos arruinar ou arruinar quem nos é querido; 6) confiança, contrário do medo, é a antecipação daquilo que conduz à segurança; 7) vergonha, dor ou perturbação em relação ao presente, passado ou futuro, que acredita-se será descrédito de acordo com a visão de outrem. Sentimento de inferioridade em relação ao outro; 8) impudência (desvergonha), ocorre de acordo com a imagem estabelecida de nós, porém, não causa dor, promove indiferença que anula qualquer possibilidade de desgosto; 9) favor (amabilidade): bondade desinteressada em fazer ou devolver o bem ao outro; 10) compaixão (piedade, misericórdia): sensação de dor, considerada mal destrutivo ou doloroso, que recai sobre quem não o merece. É despertada quando pensamos que nós mesmos ou alguém próximo poderia sofrer mal; 11) indignação: pesar pelos que parecem felizes sem o merecer ou que gozam de sucesso imerecidamente; 12) inveja, ou: angústia perturbadora dirigida a um igual, dor sentida porque outros têm o que é desejado; 13) emulação movimento de imitação do outro. Afetam-nos os bens ou conquistas de outrem; 14) desprezo, contrário da emulação, ocorre com as pessoas que estão em posição de serem imitadas e tendem a sentir desprezo por aqueles que estão sujeitos a quaisquer males

15 Chico Buarque. Disponível em: <http://qualdelas.com.br/o-que-sera-2/>. Acesso em 10 set. 2020

as repetidas negativas. O auditório, nesse texto, é indiretamente conduzido a procurar o possível.

No século III a.C. os estoicos formularam questões mais radicais que os he-lênicos sobre as paixões, dessa forma, passaram a ser chamados como terapeutas das paixões, pois as consideravam infecções ou doenças da alma, algumas delas precedidas de outras. A raiva, por exemplo, antecede alguma sensação considerada perturbação mental, algo que nos tenha ferido o orgulho e provocado sentimento de vingança. A concupiscência seria um apetite irracional subordinado à necessidade, ódio, ambição, ira, amor, cólera, ressentimento. Existem também disposições passionais boas: a alegria, a cautela e a vontade, mas a alegria, a eudaimonia, é contrária ao prazer (físico) e a cautela, contrária ao medo, pois evita o perigo – o sábio não é medroso, é cauteloso. As paixões, vistas dessa forma, são movimentos desordenados e distantes, portanto, do que prega Aristóteles, na Retórica: aqui elas são um meio de atingir o auditório.

Agostinho, Tomás de Aquino

Agostinho,¹⁶ nascido em 354, em sua antropologia, fala sobre o grande problema do homem, ou seja, a busca da felicidade, que consiste na posse da sabedoria e da verdade que, para ele, era Deus. Em outras palavras, a “verdadeira felicidade” se encontra em Deus, o “sumo bem do homem ser supremo imutável, ao qual todos os outros bens se referem”.¹⁷ Mas o homem é um ser concreto que vive em meio aos bens materiais, por isso, é difícil conciliar esse materialismo com os dons espirituais. Para solucionar o drama existencial do homem que busca a felicidade, mas se vê angustiado por nem sempre se ver livre das vontades corporais, o santo passa a desenvolver uma doutrina ético-moral e ascética que mostra como viver em meio ao material e, ao mesmo tempo, alcançar a Deus.

Procura mostrar que o homem, pela vontade e pela moral, ao conhecer a *Reta Ordem* por meio da razão, pode escolher, pelo livre-arbítrio, viver segundo tal ordem – considerada por ele como “paixão ou amor ordenado”, ou desres-

16 Primogênito de Patrício, pagão e pequeno proprietário de terras, e de Mônica, cristã fervorosa que se tornou santa, foi educado pela mãe na fé cristã, mas, devido ao exemplo paterno, não se importava com a fé. Estudou literatura, teve contato com práticas e crenças pagãs e estudou retórica em Cartago, onde seguiu a doutrina maniqueísta (que enxerga o mundo apenas como bem e mal), negada pelos cristãos, além de tornar-se hedonista (seguidor da filosofia que tem o prazer como fim absoluto) e, depois, cético. Foi professor de retórica e, decepcionado com ambas (doutrina maniqueísta e crença pagã), aproximou-se do bispo Santo Ambrósio, em primeiro lugar, pela sua excelente retórica. Converteu-se ao cristianismo e, a partir daí, passou a pregar e escrever contra o maniqueísmo. Suas principais obras “Confissões” e “Cidade de Deus” são, respectivamente, uma autobiografia espiritual e uma obra em que descreve o mundo como dividido entre o dos homens (terreno) e o dos céus (espiritual)

17 Agostinho, 1987, Ep. 137

peitá-la “paixão ou amor desordenado”. Dessa forma, conhecemos aqui dois conceitos importantes: o da liberdade de escolha (livre-arbítrio) que o homem tem e o da paixão, que pode ser boa ou má. O Doutor da Igreja cita paixão ou amor, dessa forma, para efeito desse trabalho, sempre que houver referência a amor por Agostinho, podemos entender como paixão.

Há uma certa vida do homem, envolvida nos sentidos carnis, entregue aos gozos da carne (...) A felicidade de tal vida é temporal (...) Mas há outra vida, cujo gozo está na alma, cuja felicidade é interior e eterna (...). O que importa é saber para onde a alma racional prefere dirigir, pela vontade, o uso da mesma razão ou para os bens da natureza exterior e inferior; isto é, para que goze do corpo e do tempo ou, ao invés, da divindade e da eternidade.¹⁸

Em *Cidade de Deus*, Agostinho diz que “Deus, autor das naturezas, não dos vícios, criou o homem reto; mas o homem, depravando-se, por sua própria vontade e, justamente, condenado, gerou seres desordenados e condenados”.¹⁹ O santo condena o amor ou a paixão desordenada a si, ao próximo ou aos seres criados. Existem, dessa forma, a boa e a má paixão.

(...) que me queima por dentro, será que me dá
Que me perturba o sono, será que me dá
Que todos os tremores que vêm agitar
Que todos os ardores que vêm atizar
Que todos os suores me vêm encharcar
Que todos os meus órgãos estão a clamar
E uma aflição medonha me faz implorar
O que não tem vergonha, nem nunca terá²⁰

O texto mostra uma paixão desordenada. Reportamo-nos a Aristóteles que propôs utilizar a paixão para mover o auditório e, aqui, não define bem ou mal: grandes guerras foram movidas por meio do discurso apaixonado; igualmente, governos ascendem e caem pelo discurso. Aliás, Aristóteles menciona paixões contrárias e afirma que os desejos fazem parte da natureza humana tanto quanto a razão. Não vincula a virtude à falsa expectativa de uma vida livre de emoções ou paixões. Ao comentar sobre as virtudes, em *Ética a Nicômaco*, cita o cami-

18 Agostinho, 1991

19 Agostinho, 1991, p. 24

20 Chico Buarque. Disponível em: <http://qualdelas.com.br/o-que-sera-2/> Acesso em: 10 set. 2020

nho do meio como virtuoso: tanto o excesso como a falta devem ser evitados. A letra da canção mostra exatamente um excesso não controlado, portanto, não virtuoso e sofrido.

Tomás de Aquino dá significados à paixão muito semelhantes ao que lhes prestavam os filósofos gregos e aproxima-se de Agostinho. Detém-se em examinar a faculdade humana do discurso, que transforma conceitos em palavras, deliberações e ações. Segundo o Doutor Angélico, é importante descobrir como essa retórica natural – que consiste na persuasão de si e dos outros – manifesta a influência das paixões. Como o intelecto resiste à influência contraditória das paixões que levam a deliberações regidas pela emoção, a prudência é uma função da retórica natural.

Na *Suma Teológica*, Tomás de Aquino (s/d) responde que existem paixões na alma humana e, em outras obras, explica que as paixões se referem ao mal, as desagradáveis, ou ao bem, as agradáveis. Comenta a respeito das alterações provocadas pelas paixões, que podem ser nocivas, lamentáveis ou tristes, como as que se referem ao mal. S. Tomás se aproxima de Aristóteles quando fala daquelas que conduzem a grandes danos, e se aprofunda ao classificar as paixões da alma, segundo ele, em número de seis.²¹

A partir de tal classificação, enumera onze paixões embora com nuances diferentes das de Aristóteles: 1) amor, apreensão de um bem presente; 2) desejo, movimento voltado a um bem futuro; 3) alegria ou gáudio, fruição do bem presente ou sua posse; 4) ódio, apreensão de um mal presente; 5) fuga, distanciamento de um mal futuro; 6) tristeza, quando o mal já está no sujeito; 7) esperança, bem ausente de possível alcance; 8) desespero, bem ausente impossível de ser alcançado; 9) audácia, mal ausente e superável; 10) temor, mal ausente insuperável; 11) ira, mal já sofrido. Enquanto Aristóteles classificou as paixões em catorze, Tomás de Aquino enumerou as da alma em seis e as demais, em onze.

A especificação sobre as paixões em Aquino merece um estudo à parte, porém podemos acrescentar que, segundo o teólogo, elas fazem parte da natureza humana, podem ser vistas como algo natural e, na medida do possível, devem orientar o indivíduo no caminho do bem. Não as vê como enfermidades da alma, conforme os estoicos, mas como parte da alma humana, a exemplo de

21 1) a divisão do apetite sensitivo – sede das paixões – em duas potências (concupiscível e irascível, que, por sua vez, geram diversas paixões); 2) a concupiscível, dá origem às paixões que se referem ao bem ou mal absolutos e a irascível, origina aquelas que se relacionam ao bem difícil de se alcançar ou ao mal, difícil de se evitar; 3) direção ou movimento em relação ao objeto: atração pelo bem ou repulsa pelo mal; 4) potência irascível, dificuldade ou esforço em relação ao objeto; 5) objetos aos quais se referem as paixões: presentes ou ausentes (bem alcançável ou não; mal vencível ou não; bem ou mal futuro); 6) diferenças materiais no objeto ou maior/menor intensidade no momento em que ocorre a paixão

Agostinho, e se ligam 1) ao bem, fácil ou difícil de fazer, elaborar ou 2) ao mal, fácil ou difícil de se evitar.

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.²²

O texto de Paulo traz um elogio à paixão bem orientada que, segundo Agostinho, é a boa paixão. Em outras palavras, como faz parte da natureza humana, pode ser boa ou má. No caso, se for boa, como o amor, por exemplo, trará apenas resultados positivos com ampliação do bem sentir. O amor conduz à fé e à bondade, outros sentidos também positivos.

Descartes, Hobbes, Espinosa, Hegel

A base da filosofia cartesiana – *Meditações* – é a busca de uma doutrina que permita atingir a felicidade. Sua metafísica está dirigida ao homem de bem. Como o conhecimento provém dos sentidos e o homem se engana algumas vezes, Descartes passou a duvidar de tudo, inclusive das suas crenças matemáticas. Esse raciocínio levou-o a duvidar de sua própria existência, dúvida essa que se resolveu com o pensamento:

se estou assim persuadido de que não há nada, nem céu, nem terra, nem espíritos, nem corpos, não estou entretanto persuadido de que não existo. Eu sou, se me engano; duvido, penso, existo: essa palavra é necessariamente verdadeira todas as vezes que a concebo em meu espírito. Minha existência (...) está garantida e vejo claramente que esta coisa pensante é mais fácil, enquanto tal, de conhecer do que o corpo, a cujo respeito até agora nada me certifica. Este *Cogito*, este “eu penso”, modelo de pensamento claro e distinto, dá-me a garantia *subjéctiva* de toda ideia clara e distinta no tempo em que a percebo.²³

Descartes esclarece as coisas do mundo ao mostrar quais são as ilusões ocasionais dos sentidos humanos e explica a distinção entre alma e corpo. Na

22 Bíblia, 1 Cor 13, 4-7

23 Descartes, 1973, p. 42

verdade, o filósofo diz que o corpo não é apenas a residência da alma, mas corpo e alma são tão unidos que “as sensações apreendem qualidades e não essências objetivas”.²⁴ Provém daí o que ele denomina como paixões, que são as “percepções ou emoções ou sentimentos da alma, que se relacionam particularmente a ela e que são causadas, mantidas e fortificadas por alguns movimentos dos espíritos”.²⁵

Apesar dessa união, ele atribui funções diferentes a cada um: “o calor e o movimento dos membros procedem do corpo, e os pensamentos, da alma”²⁶ e explica as funções do corpo como o movimento dos músculos e do coração, atuação dos objetos de fora sobre os órgãos dos sentidos, diferentes das da alma que são: vontade, percepção, imaginações.

Em *As Paixões da Alma*, Descartes define paixões como “as percepções, ou sentimentos ou emoções da alma que referimos particularmente a ela e que são causadas, mantidas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos”.²⁷ Embora tenha dito anteriormente que corpo e alma são intimamente ligados, ao colocar as funções de um e outro tem-se a impressão que finalmente o filósofo os separou. No entanto, ele afirma que as paixões estão localizadas em uma glândula²⁸ no cérebro, no meio de sua substância, diferentemente de outras crenças para as quais a sede das paixões seria o coração, de maneira mais subjetiva. De qualquer forma, configura-se aí a ligação corpo-alma.

O pensador coloca como causa das paixões a “agitação com que os espíritos movem a pequena glândula situada no meio do cérebro”²⁹ – isso é físico – e acrescenta que podem ser excitadas por objetos que afetam os sentidos. Embora comente sobre várias paixões, afirma que existem seis primitivas, das quais todas as outras derivam: amor, ódio, admiração, desejo, alegria e tristeza e não faz diferença entre paixões do bem ou do mal.

Distanciar-se do bem leva o homem ao ódio, ao temor, à tristeza. Há uma proximidade com Agostinho, que cita paixões opostas, naquele caso, dependentes da proximidade ou distância de Deus. Os diversos desejos, segundo Descartes, derivam das diferentes espécies de amor e ódio.

Pensar em paixão, segundo Descartes, e paixão, conforme Aristóteles, faz surgir uma pergunta: existe diferença entre a paixão segundo os conceitos filosóficos e a paixão conforme a retórica? Para tentar uma resposta, vale observar mais alguns pensadores.

24 Ibid., p. 22

25 Ibid., p. 22

26 Ibid., p. 228

27 Ibid., p. 237

28 Glândula pineal

29 Ibid., p. 251

Os intérpretes de Hobbes o consideram um pensador que soube descrever muito bem a natureza humana tal como é porque experimentou os “horrores do mundo”. Nascido no ano em que a armada espanhola se aproximava da Inglaterra, afirmava que sua mãe entrou em trabalho de parto ao ouvir rumores do início da invasão e escreve que “o medo e eu nascemos gêmeos”.

A partir do pensamento que coloca a natureza humana em um plano denominado “não composição” com os pares, após construir todo um conceito de homem natural e estabelecer divisões em poder cognitivo ou imaginativo, em que estão as paixões, e poder motor, afirma que a vida é “solitária, pobre, sórdida, brutal e curta”. Assim, enumera as paixões e comenta, por exemplo, que o medo da morte e a busca por uma vida confortável e digna são paixões motivadoras na busca da paz e destaca o medo recíproco como motor da sociedade civil.

Devemos, portanto, concluir que a origem de todas as grandes sociedades não provém da boa vontade recíproca que os homens tivessem uns para com os outros, mas do medo recíproco que uns tinham dos outros.³⁰

Nesse sentido, a solidão, a pobreza, a brutalidade e crueldade fazem do homem seu próprio inimigo, por natureza – *homo homini lupus*.³¹ Diferentemente de Aristóteles, o medo em Hobbes é uma paixão intrínseca ao homem, motor de suas atitudes. O indivíduo está em permanente luta contra seus medos, dos quais o maior é a morte, sua principal ameaça. O interessante é que os homens, pelo medo e pelo desejo de uma vida melhor, estabelecem um pacto social de bem viver, que transforma a paixão do medo em motivação a uma convivência pacífica. Sem a paixão, esses “contratos” talvez não existissem e os homens viveriam sob ameaça constante. Hobbes aproxima-se de Sócrates, Agostinho e outros por pregar o domínio das paixões de maneira construtiva.

Espinosa, por sua vez, comenta que todos os homens são dotados de ação e de paixão. Não poderiam ser ativos porque as forças que vêm de fora é que os constituiriam. Em outras palavras, todos os seres que precisam de forças externas para se constituir são apaixonados. Se são apaixonados porque não podem constituir a si mesmos, não são livres. Essa ausência de liberdade é reforçada pela sua epistemologia, segundo a qual existem três gêneros do conhecimento: 1) *experiência vaga ou consciência*, em que o conhecimento é apenas um efeito ou resultado do encontro dos nossos corpos com outras vidas. As marcas desses encontros resultariam na consciência, que não é ativa, mas consequência dessas

30 Hobbes, 2002, p. 28

31 O homem torna-se lobo do próprio homem

forças que vêm de fora. O homem da consciência não é livre, é um corpo apaixonado e como tal encontra-se na servidão total; 2) *razão*, na qual o homem começa a ter alguma atividade. Ele se relaciona com a natureza e começa a compreender, ou seja, teria algum conhecimento. Embora adquira capacidade de conhecer o que está fora dele, ainda não é produtor ou criador; 3) *poder de invenção*, em que ele ultrapassa o conhecimento e se torna capaz de inventar e criar. Enquanto o segundo gênero do conhecimento – a razão – busca a verdade no campo epistemológico, o terceiro gênero ultrapassa e produz novas linhas, outra música, outro pensamento.

Como as paixões se constituem no resultado de forças que vêm de fora, oscilamos em nossas paixões: cólera, raiva, esperança, medo. Algumas paixões são definidas como “tristeza inconstante, surgida da imagem de uma coisa duvidosa”, enquanto outras, “alegria inconstante, surgida da imagem de uma coisa futura ou pretérita, de cuja realização duvidamos”.³² Explica-se melhor a servidão humana ao pensarmos que a paixão é derivada de ideias confusas, contrárias, uma vez que a alma tem pensamentos inadequados e que a força das paixões ou afetos podem superar as demais ações do homem.

Espinosa, como Descartes, buscou pensar o homem e suas relações com o mundo e com Deus. Enquanto Descartes, talvez devido à sua formação jesuítica, procurou conciliar as questões humanas derivadas de seu questionamento inicial de que nada existiria e que o levou a descobrir sua existência pelo pensamento (*cogito ergo sum* – penso, logo existo) com as questões divinas (penso em Deus, logo ele existe para mim ou em mim), Espinosa não se preocupou em romper com a teologia tradicional, que colocava Deus como transcendente. Esse filósofo coloca Deus no mesmo nível da natureza, ou seja, os dois são o mesmo. Preocupado com o problema da Liberdade, ligou Deus à ideia de liberdade, à ideia de causa. Dessa forma, Deus seria a causa ativa, portanto, livre, produtivo, não constrangido por ninguém. O homem, por outro lado, é constrangido por forças externas, por isso nunca é ou será livre, em outras palavras, constrangido pelas paixões.

O que será que será (...)
 Será que não se cansa de desafiar
 O que não tem descanso, nem nunca terá
 O que não tem cansaço, nem nunca terá
 O que não tem limite
 (...) Que dá dentro da gente e que não devia

Que desacata a gente, que é revelia
Que é feito uma aguardente que não sacia
Que é feito estar doente de uma folia
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os unguentos vão aliviar³³

Novamente, recorremos ao texto de Chico Buarque, que argumenta sobre a falta de liberdade provocada pela paixão, assim, o homem é, segundo o argumento, constrangido pelas forças fora de seu controle. Filosoficamente, trata-se de um mal. A Retórica, de seu lado, é amoral, assim, não julga.

Na obra *Filosofia da História*, Hegel se esforça por distinguir o que os gregos entendiam por *pathos* e os modernos entendem por paixão. Sua opinião é a de que a palavra *pathos* seria de difícil tradução, pois o termo implica em uma noção de algo de menor valor – como no sentido dado ao dizermos hoje que “um homem não deve sucumbir às paixões” – e esse não é, definitivamente, o significado para os gregos. Na Grécia antiga, *pathos* era observado em um plano mais nobre, sem censura ou egoísmo. Hegel utiliza, como exemplo, o amor de Antígona por seu irmão, e trata o elemento interno, pulsional, mas se refere também a um conteúdo racional essencial presente no indivíduo e cita: “Nada de grande se fez sem paixão”.

Nesse aspecto, podemos pensar os grandes textos que transformaram o mundo, e é possível lembrar situações reais movidas pelas paixões: guerras, descobertas importantes, evolução da ciência, conquistas, explorações. Em todas elas existe, em alguma medida, o componente passional. E vamos até mais longe: um componente retórico passional, que não escapa da tríade retórica aristotélica.

Afirmamos então que nada foi realizado sem interesse por parte dos atores; e – se o interesse for chamado paixão, na medida em que toda a individualidade, com negligência de todos outros interesses e reivindicações reais ou possíveis, é dedicado a um objeto com cada fibra de vontade, concentrando todos os seus desejos e poderes sobre ele – podemos afirmar absolutamente que nada grande no mundo foi realizado sem paixão.³⁴

Segundo o filósofo, dois elementos fazem parte da investigação: a ideia e o complexo das paixões humanas; o primeiro, o meio concreto e o segundo, uma

33 Chico Buarque. Disponível em: <http://qualdelas.com.br/o-que-sera-2/> Acesso em: 10 set. 2020

34 Hegel, 2008, p. 28

“vasta teia” que ajuda a compor a História Universal. Ainda conforme Hegel, “A paixão é considerada uma coisa de aspecto sinistro, como mais ou menos imoral. O homem não deve ter paixões”.³⁵ Nesse sentido, percebemos que o pensamento hegeliano a respeito da paixão se torna duplo, pois é algo sinistro e imoral, mas também o motor de grandes feitos “nada grande no mundo foi realizado sem paixão”.

Paixão, para o autor, talvez não fosse a palavra adequada para o que desejava expressar, uma vez que provoca tal duplicidade, porém não há como saber. Aliás, é muito mais crível que seja um sentimento complexo e, dessa forma, duplo, já que os estudos continuam. Pode-se dizer, então, que a paixão em Hegel tem um componente paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que é de menor valor, ele reconhece que grandes obras foram efetuadas sob o calor da paixão.

Weber e Meyer

Na sua *Ética Protestante*, Max Weber tratou da ética em dois modos: um relativo à concepção do capitalismo e outro referente às tensões entre os sistemas éticos religiosos e a realidade da vida contemporânea. Para esse autor, a sociedade é fragmentária e contraditória, dessa forma não pode ser apreendida em sua totalidade. Assim, o foco das análises sociais deve recair sobre “domínios de ação”, seja sobre as esferas da existência: governo, religião, leis, economia, seja sobre as organizações: família, empresas, vizinhança, seja sobre grupos.

Suplantar tudo o que for impulsivo e irracional, as paixões e interesses subjetivos do homem natural. Deve-se criar um estado de alma profundo no qual somente a palavra de Deus pode ser ouvida. (...) A ideia de que Deus somente fala quando o carnal está silencioso evidentemente significa um incentivo à ponderação deliberada dos cursos de ação e sua justificativa cuidadosa em termos da consciência individual.³⁶

Com relação ao desenvolvimento acelerado e à racionalização a que está exposto o homem, o resultado é um certo “desencantamento do mundo” seguido de perda do sentido da vida, que atingem o racionalismo exacerbado do ocidente moderno, ou seja, uma tendência ao afastamento de Deus e ao “niilismo”, uma desvalorização dos valores supremos. A perda dos sentidos e valores supremos como resultado do excessivo racionalismo nos leva a pensar no *pathos*, uma vez

35 Hegel, 2008, p. 232

36 Weber, 2012, p. 104

que o esvaziamento de sentido e consequente desencantamento conduzem, conforme a citação, a uma busca da racionalização ou reforço pelo *logos*, com participação necessária da consciência individual.

Percebe-se uma diferença entre posturas éticas: um aspecto racional e outro de vida. No primeiro, um *ethos* de consciência (*logos*) e no segundo, o predomínio do *pathos*, da sensibilidade, da preocupação com os aspectos da vida, que não devem ser reforçados “suplantar tudo o que for impulsivo (...) as paixões”.³⁷ Sócrates já comentava sobre a possibilidade de o homem correto dominar as paixões. No entanto, a retórica, por ser amoral, pode – e o faz – utilizar largamente o *pathos* discursivo.

O autor fala também das ações afetivas, fins e meios ligados aos afetos e às paixões e irracionalidades no comportamento individual (sentimentos) ou coletivo (relações de poder), já citadas, que correspondem a uma irracionalidade ética do mundo. Em uma sociedade complexa, com éticas incompatíveis, algo pode ser eficiente sem ser encantador e vice-versa. Afinal, o mundo nunca se desencanta completamente, embora Weber se desencante dele.

Embora ele condene o *pathos*, não consegue dele se livrar em decorrência da religião e, nesse caso, apenas atinge seus objetivos por meio de uma libertação cuidadosa e do respeito à consciência individual. Diferentemente de Weber, Meyer reforça que:

A paixão é esse lugar único, mas enigmático, em que o homem e o animal, a natureza humana e a natureza se encontram. Ser híbrido, a paixão deriva simultaneamente do apetite sensível e da representação que ele suscita, da pulsão e das emoções que nos fazem sentir.³⁸

Ao tratar da interação entre indivíduos é preciso lembrar do conceito de auditório, citado por Perelman e Tyteca (1999) e reforçado por Meyer (2007), que combinam uma dupla abordagem: considerar os valores do *ethos* e uma resposta a ser dada. Dessa forma, tanto o orador quanto o auditório projetam um no outro uma imagem que não necessariamente corresponde à realidade, mas é regida por valores, ligando assim os julgamentos a quem se expressa. O orador elabora uma imagem do seu auditório como convencido, persuadido, assim, responde segundo essa projeção, que não é realmente efetiva. Conforme Meyer:

37 Idem, 2012, p. 104

38 Meyer, 2007, p. 52

se o orador não quer conflito, ou, de qualquer modo, quer ter a última palavra, ele tem de desenvolver determinadas estratégias de prevenção que incidirão sobre o *logos*. A contestação recai na resposta, na pergunta ou na ligação entre as duas.

(...)

Outra maneira de neutralizar qualquer contestação consiste em fazer da resposta uma evidência. Ela é posta como resposta para e contra tudo.³⁹

É útil caracterizar a paixão em termos de consciência, pois ela é, de certa forma, um efeito da consciência que faz parte de nossos conceitos atuais e ajuda a compreensão. Além disso, a paixão é também o que há de mais individual no ser, acaba por cristalizar conflitos do homem consigo mesmo e também com os outros, basta que lembremos do que comenta Weber a respeito da paixão e consciência individual: livrar-se da paixão. A submissão às emoções e às paixões já foi considerada uma doença da alma. Kant, inclusive, associou a paixão à doença.

No início do terceiro livro da *Antropologia*, encontramos uma série de definições sobre elementos da sensibilidade da natureza humana: apetite, apetite sensível, inclinação, desejo, desejo vazio, ânsia, paixão, afecção. Em estado de afecção, o indivíduo não possui capacidade de reflexão, pois não consegue visualizar o todo, vê apenas o momento, determinada condição, o presente, tomado por um único e exclusivo sentimento que impossibilita a reflexão.

De acordo com Kant, as afecções são, em geral, ataques doentios – ocorrências, sintomas – e podem ser divididos em: estênicas, as que têm origem na força ou do excesso de força e astênicas: aquelas derivadas da fraqueza. Conforme explica o filósofo: “(...) se a afecção é uma embriaguez, a paixão é uma doença que tem aversão a todo e qualquer medicamento”.⁴⁰ É importante lembrar que os estudos sobre as paixões em Kant vão muito além, porém o que queremos, aqui, é apenas mostrar que paixão já foi associada à doença.

Nos estudos retóricos, conforme já comentado em Aristóteles, o *pathos* torna-se paixão como expressão da natureza humana, da liberdade, comprometido com a ética e com a ação, transformando, assim, a paixão em virtude, de preferência. Segundo Meyer:

na diferença pura que se cria pela emergência de um *pathos* irreduzível ao sujeito, este se vê ameaçado em sua identidade em proveito da pura alternativa. Por esse *pathos*, pela paixão, sai-se da identidade do sujeito,

39 Ibid., p. 58-60

40 Kant, 1980, p. 163

e não somente do em-si, em benefício do humano. A paixão escapa ao *logos*, centrado no caráter apodítico proveniente da identidade redutora do sujeito; assim se compreende o caráter ameaçador e *irracional* da paixão por um *logos* definido apenas pela apoditicidade. O dualismo, que ressurge do aspecto inassimilável do *pathos* à substância, vai opor a ordem humana e a ordem natural, ou, se se preferir, dois sujeitos diferentes. A paixão será assim o próprio conceito do desdobramento, da diferença irredutível, do drama possível, do que escapa ao conceito.⁴¹

Dessa forma, a paixão pode ser considerada como uma relação com o outro, uma representação interiorizada da diferença desse outro conosco. Baseia-se na alteridade, na relação humana que põe em dificuldade o homem e que irá opô-lo a si mesmo. Nessas condições, é possível pensar a paixão como remetendo a soluções opostas, a conflitos, a diferenças entre os homens. As paixões são o lugar da alternância, da aversão, o que representa um grande risco de o sujeito se perder de alguma forma.

Meyer diz que “as paixões cristalizam as relações recíprocas e fixam as imagens da própria natureza do eu no outro (...) as paixões são as respostas às representações que os outros concebem de nós, são representações em segundo grau”.⁴² Então, as paixões conseguem refletir as representações que fazemos dos outros no âmbito da imaginação ou da realidade representada.

Nessa concepção, o homem é entendido como um ser de paixão, a exemplo de Espinosa, quando afirma que todos os seres que precisam de forças externas para se constituir são apaixonados. Ele age e não apenas é, pois o homem não consegue atingir os seus meios de modo natural, ele precisa agir e descobrir meios para alcançar seus objetivos.

De acordo com Meyer, “se há paixão é porque o homem não pode deixar de agir; a paixão é, conseqüentemente, a realização da *praxis* que avançará num sentido ou no outro, sinal do bem e do mal, portanto, sempre perigosa para o homem sensato”.⁴³ O pensador reforça que, dessa forma, a paixão pode ser associada à liberdade, mas a liberdade pode ser positiva ou negativa, pois às vezes é perigosa. Nesse aspecto vai contra o pensamento de Espinosa, para quem só é livre aquele que não está constrangido pelas forças externas e o homem é, naturalmente, pressionado pelo que vem de fora. Apenas Deus, a natureza e aquele capaz de criar seriam livres. Dessa forma, segundo Meyer, a paixão é:

41 Meyer, 2000, p. XXXV

42 Ibid., p. XL

43 Ibid., p. LI

1) algo que se encontra aquém do discurso; 2) a expressão da diferença que individualiza os homens (e, neste aspecto, podemos falar dela); 3) uma ameaça para a substancialidade do homem, ou seja, aquilo que nega esse poder-ser-outro, a ponto de se tornar uma necessidade, uma droga, uma ilusão, pois só a natureza possui necessidade como um impulso interno.⁴⁴

Reitera, assim, a afirmação anterior: o homem é um ser de paixão, embora de maneira diversa da de Espinosa. Sem ser totalmente natural, ele segue uma ética, questiona sobre o que deve fazer e sobre o que o outro faz. A paixão é algo que reforça a substância do homem. As diferenças entre os homens são afirmadas a partir de suas paixões, todos possuem paixões, mas as manifestam de forma diferente e com intensidades diversas. Elas, por sua vez, demonstram, ao mesmo tempo, a concordância e a discordância humanas. Como são inerentes ao indivíduo, torna-se mais produtivo estudá-las do que negá-las ou criticá-las, conquistando a possibilidade de encontrar o equilíbrio.

Para Meyer (2007), as paixões são tanto o reflexo das relações inter-humanas, quanto são os indicativos ao outro da forma como o indivíduo reage perante ele. Assim, as paixões manifestam as reações à presença do outro, à forma como trata o outro, o que pensa do outro. Por meio das paixões, o indivíduo reflete a própria imagem e indica o que pensa do outro. É também pela paixão que se fundem as consciências, as próprias e as que o indivíduo tem do outro. Portanto, a paixão não é fixa, pois reflete a instabilidade e inconstância dos sentimentos.

Mesmo que grandes porções da Europa, e muitos países antigos e famosos tenham caído ou venham a cair nas garras da Gestapo e de todo o odioso aparato do governo nazista, nós não vamos titubear ou falhar. Nós iremos até o fim. Nós lutaremos na França, nós lutaremos nos mares e oceanos, nós lutaremos com confiança crescente nos céus, nós defenderemos a nossa ilha, seja qual for o custo. Nós lutaremos nas praias, nós lutaremos nos campos, nós lutaremos nas colinas, nós nunca nos renderemos.⁴⁵

A fala de Churchill, que anunciou ao povo britânico a disposição de enfrentamento a Hitler, é uma peça que exemplifica o domínio da paixão do orador e é, também, modelo de exortação política pelo discurso ao auditório. Dessa

44 Id., 2007, p. 57

45 Churchill, 1939

forma, a paixão é um efeito ou jogo de linguagem na medida em que o homem, nessa relação, é, como seu sujeito, aquele que diz, pois “a paixão é o sujeito da enunciação dos enunciados”.⁴⁶ Está presente na maneira como o sujeito se comunica, é enunciada por meio da linguagem, é o próprio sentido que quer ser enunciado pela ação da linguagem.

Conclusão

Edgard Morin ironiza que o homem definido como *sapiens* seja um ser dotado de pouca sapiência e razoabilidade, ou seja, é um ser passional:

o homem manifesta uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor; ele carrega consigo uma fonte permanente de delírio; ele crê na virtude de sacrifícios sangrentos; ele dá corpo, existência e poder a mitos e deuses da sua imaginação. Há no ser humano uma fonte permanente de *hybris*, a desmesura dos gregos.⁴⁷

Bauman, que cunhou o termo realidade líquida e, em *Amor Líquido*, trata principalmente das paixões da insegurança, medo, amor, ódio e explica que o indivíduo busca consumir seu objeto de desejo até que se acabe.

Tantos são os estudos sobre a paixão e o *pathos*, que foi preciso estabelecer um caminho. Pensamos duas linhas: filosófica e retórica e percebemos, ao longo do estudo, que elas mais se distanciam do que se aproximam. A linha filosófica se ocupa do homem e suas naturezas: alma, corpo, espírito, grandeza, inclinações. A retórica tem como objeto o discurso.

A pergunta sobre pontos em comum entre os pensamentos desde a Antiguidade até os dias atuais mostra ao menos um importante consenso: o *pathos* se contrapõe ao *logos*. Parte dos pensadores vê a paixão como algo a combater, pois afasta a virtude. Outros entendem o *pathos* como parte da natureza humana, com a qual é no mínimo necessário conviver e que pode ser positiva. Uma terceira linha, o percebe como útil: a Retórica.

Acreditamos ter conseguido mostrar, ao menos em linhas gerais, os conceitos de paixão segundo cada um dos pensadores escolhidos. Não se percebeu um fio condutor que, à maneira das teorias científicas, conduzissem ao aperfeiçoamento contínuo, de modo a que um pensador incorporasse os conceitos dos anteriores e os complementasse ou mesmo aprimorasse. Não se percebeu também quebras,

46 Meyer, 2007, p. 284

47 Morin, 2011, p. 7

mas há verdadeiras idas e vindas, o que torna verdadeiramente desafiador o estudo das paixões. Algumas vezes, um estudioso traz conceitos genuinamente novos. Outras vezes, há aperfeiçoamentos.

Em síntese, verificamos, segundo uma linha temporal, os conceitos de paixão em Sócrates, para quem a paixão é um estado de insanidade e precisa ser dominado; Platão, que coloca o homem como indivíduo necessariamente afetado pelas paixões; Aristóteles, que classificou as paixões básicas e as considera úteis no discurso. Agostinho acredita nas paixões como parte do homem, mas que devem ser combatidas; Tomás de Aquino, a partir de Aristóteles, trata de onze paixões, em especial o amor e acredita na redenção; Descartes, no esforço de metodizar o conhecimento filosófico, procura racionalizar as paixões e situá-las de maneira física; Hobbes, para quem as paixões são perigosas e devem ser reguladas por meio de contrato. Espinosa conceitua o *pathos* como um conjunto de afecções que o corpo sofre por outro e está fora do homem, a exemplo de Platão, portanto, o influenciam; Hegel tem uma visão paradoxal da paixão: por um lado é fonte de mal e deve ser combatida, mas, “sem ela nada de grandioso se fez”. Weber mostra que a paixão é inerente à religião, que contém os valores necessários para o progresso humano, mas, ao mesmo tempo, deve ser combatida “com ponderação deliberada das ações e uso da consciência individual”.

Já Meyer retoma as paixões conforme Aristóteles e, em uma visão discursiva, considera que são estados de alma móveis, reversíveis, sempre susceptíveis de mudança: uma representação sensível do outro. Parece que os filósofos enxergam o *pathos* como uma falha, necessária ou não, que precisa ser combatida ou não, enquanto a retórica, que é amoral, a vê como uma competência a ser desenvolvida e utilizada no discurso.

Referências

AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. 3. ed., Trad. Oscar Paes Leme, Vozes; Federação Agostiniana Brasileira, Petrópolis; São Paulo: 1991, v. I e II. Data da publicação original: 418.

AGUSTÍN, S. *Epístola 137*. IN: Obras Completas de San Agustín, ed. bilingue, trad., intr. y notas Lope Cilleruelo, La Editorial Católica/BAC, Madrid, 1987, t. XI a. Data da carta original: 412.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad W. D. Ross. The Internet Classics Archive. <http://classics.mit.edu/Aristotle/nicomachaen.html>. Acesso em 17 de setembro de 2011. Data do trabalho original: 350 aC.

_____. *Retórica das Paixões*. Trad. I. Borges Belchior da Fonseca. Prefácio de Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Data do trabalho original: século IV aC.

AQUINO, T. *Suma Teológica* Vol III, São Paulo: Editora Loyola, s/d.

- BAUMAN, Z. *Amor Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, 2004.
- BÍBLIA, 1ª *Epístola aos Coríntios*. Em <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/13>. Acesso em 10/09/2020.
- BUARQUE DE HOLANDA, F. *A Flor da Terra*. <http://qualdelas.com.br/o-que-sera-2/>. Acesso em 10/09/2020.
- CHURCHIL, W. *Discurso*. <https://mundodapolitica.com/nos-nunca-nos-renderemos-discurso-de-churchill-em-1939/>. Acesso em 12/09/2020).
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª edição, 11ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999, p. 572.
- DESCARTES, R. *As Paixões da Alma*. (Passions of the Soul). Trad. M. Moriarty, Oxford: OUP Oxford, 2015. Data da publicação original: 1649.
- DESCARTES, R. *As Paixões da Alma*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- ESPINOSA, B. *Ética*. Trad. J. Guinsburg & B. Prado-Jr. In: Os Pensadores, São Paulo: Abril, 1973. Data da publicação original; 1677
- HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Trad. Maria Rodrigues & Hans Harden. 2ª Ed. Brasília: Editora UNB, 2008. Data da publicação original: 1892 (publicação póstuma de notas de aula).
- HESÍODO. *Theogony*. trad. M. L. West, Oxford: Oxford University Press, 2009. Data da publicação original: VIII-VII aC.
- HOBBS, T. *Do Cidadão*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Data da publicação original: 1651.
- KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. Paulo Quintela. In: Os pensadores (Kant II). São Paulo: Abril Cultural, 1980. Data do manuscrito original: 1785.
- MAGALHÃES, A. L. O medo na escola: aspectos retóricos e filosóficos. In: MAGALHÃES, A. L.; FERREIRA, L.A. *A Retórica do Medo*. Franca, SP: Cristal, 2012.
- MENEZES E SILVA, C. M. de. A dimensão cognitiva da paixão em Aristóteles. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.4, p. 13-23, jun. 2013
- MORIN, E. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Trad. E, de Assis. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Data da publicação original: 2005.
- MEYER, M. *Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução*. Trad. António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007. Data da publicação original: 1993.
- _____. Aristóteles ou a Retórica das Paixões. Trad. I. Borges Belchior da Fonseca. In: ARISTÓTELES, *Retórica das Paixões*. São Paulo: Martins Fontes: 2000. Data da publicação original: 1996.
- PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Edições de Ouro, s/d.
- WEBER, M. *The Protestant Work Ethic and the Spirit of Capitalism*. Trad. Talcott Parsons. New York: Start Publishing LLC, 2012. Data da publicação original: 1905.

